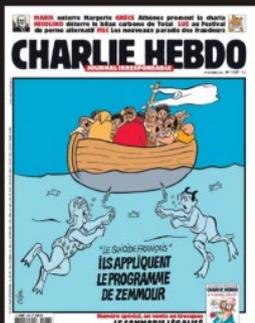
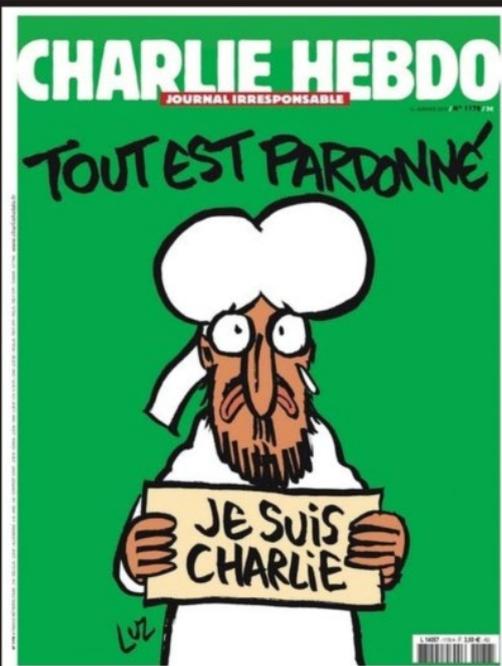
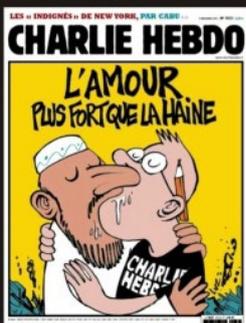


Fabio Mourilhe

# CHARLIE HEBDO

em cenário de secularização e escatologia moderna



Fabio Mourilhe

# CHARLIE HEBDO

em cenário de secularização e escatologia moderna



Marca de Fantasia  
Parahyba, 2022 - 2a edição

# CHARLIE HEBDO

em cenário de secularização e escatologia moderna

Fabio Mourilhe

Série Quiosque, 45. 2022. 2a edição. 72p.



## MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A  
João Pessoa (Parahyba), PB. Brasil. 58046-033  
marcadefantasia@gmail.com  
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Capa: Composição de HM com capas do periódico Charlie Hebdo

### Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nilton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Waldomiro Vergueiro - USP
José Domingos - UEPB	

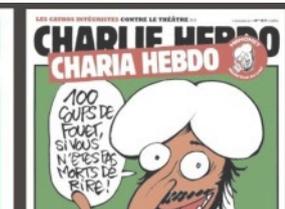
Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

---

ISBN 978-65-86031-72-0

# Sumário

5. Introdução
6. Modernidade como época secularizada
8. Fim da história
11. Fim da arte
15. O drama e a comédia
18. Contextualização histórica
22. Hara-Kiri
30. Primeiro Charlie Hebdo
33. Segunda fase do Charlie Hebdo
37. Início do conflito e lei da laicidade
42. Atentado e morte
47. Espetáculo de domingo
49. Extremismo islâmico em polarização em relação ao mundo
53. Método do Charlie Hebdo de combate ao extremismo
58. Blasfêmia
60. Conclusão
65. Referências



## Introdução

**C**harlie Hebdo é uma publicação de humor que se insere no panorama cultural, social e político da França, onde convivem secularização e prática religiosa. O objetivo deste trabalho é tratar do espírito do jornal e de sua relação com a escatologia moderna na forma de fim da arte ou fim da história, conforme exposto por Hegel em seus estudos.

Os objetivos específicos são: apresentar o semanário; delimitar as características e consequências do atentado; determinar os aspectos mais significativos indicados pela comissão sobre laicidade; analisar o extremismo islâmico e suas polarizações; e verificar o método empregado pelos membros do Charlie Hebdo para combater o extremismo.

A prática da secularização na França atual serviria para justificar e defender os posicionamentos assumidos no Charlie Hebdo. A escatologia moderna, presente nas ideias de fim da arte e fim da história, permite que nos aprofundemos na questão. Não se pode falar em um fim sem que se considere um começo, pois aqui há sobrevivência e morte. Com artistas que expõem sua opinião e, mesmo sabendo que correm risco, pagam com a própria vida, temos uma proximidade com a concepção do humor, como a destruição da arte por ela mesma.

## Modernidade como época secularizada

Percebe-se, na França e outros países do mundo, a modernidade como época secularizada, onde os elementos sagrados e aspectos transcendentais são abandonados, tendo em vista a ênfase na cultura, mas também na arte e na ciência - secularização como norma.

Diferente do significado utilizado no direito canônico para “secularização” - de uma “dispensa dos votos religiosos a um clérigo regular e sua incardinação numa diocese no clero secular”<sup>1</sup> -, utilizaremos o termo conforme a atribuição recebida com a revolução francesa: “expropriação das propriedades eclesiásticas pelo governo revolucionário. Aqui o termo possui uma conotação negativa de ilegitimidade do ato, já que as terras e propriedades expropriadas pertenciam legitimamente à Igreja”<sup>2</sup>. Trata-se de uma secularização como processo pautado pela exclusão dos vínculos religiosos, através da supressão da ideia de transcendência e de vida pós-morte.

Neste processo de secularização, também tivemos, de forma semelhante à prática de expropriação das propriedades eclesiásticas na época da revolução francesa, posteriormente, a invasão e a conquista de terras, algumas com predominância muçulmana, que continuou a ser colocada em ação pelos colonizadores europeus, incluindo a França. Além disso, membros destes povos conquistados também passaram a viver na França. Seus costu-

---

1. SOUZA, José Carlos Aguiar de. As filosofias da história e a tese da secularização: a teologia cristã e as raízes da secularização na modernidade. In: PLURA, *Revista de estudos da religião*, vol. 2, n. 2, 2011, p. 45.

2. Ibid.

mes religiosos entram em conflito com outras religiões e o ateísmo na esfera pública francesa.

Outra opção é utilizar a secularização como categoria interpretativa, o que é realizado por Karl Löwith em *Meaning in history* de 1949. Segundo Souza<sup>3</sup>, Löwith indica a modernidade como aquela que se apropria do padrão escatológico cristão de forma secularizada, o que poderia ser percebido nas filosofias da história apresentadas na dialética hegeliana e na luta de classe marxista. Estas filosofias seguem o “padrão teleológico cristão”, porém deixam “Deus de fora”.

O “fim da história” e o “fim da arte” em Hegel servem para pensar de forma especial esta apropriação secularizada do padrão escatológico cristão, considerando o acúmulo que se dá tanto em arte como na história antes de seu fim, e as relações entre religião e arte, e humor/comédia e arte.

---

3. Ibid, p. 46.

## Fim da história

O fim da história em Hegel aponta para o entendimento da história em sua totalidade<sup>4</sup>, o que permite atingir o saber absoluto<sup>5</sup> com uma tomada de consciência de si pelo espírito absoluto.

O sistema hegeliano visa atingir tal objetivo, passando por esquemas tripartites como Ideia/Natureza/Espírito e espírito subjetivo, objetivo e absoluto, que indicam o movimento que passa por Tese, Antítese e Síntese (movimento dialético). Inicialmente, a Ideia se encontra na interioridade, subjetividade que não se manifesta e não tem existência exterior. Segundo Nóbrega<sup>6</sup>, é a mente absoluta, que existe antes do Universo, é Deus como ele é em si mesmo, antes de se manifestar e aparecer. Sua aparência é a Natureza, a Ideia exteriorizada, objetivada. É a antítese da Ideia, porque a Ideia tem realidade, mas não tem existência. Não pode se manifestar a si mesma, já que existência é aparência.

A Ideia se manifesta, aparece, toma existência se exteriorizando, sai de si mesma e se aliena, de certo modo se perdendo. É a Natureza. Por isto, Hegel diz que o primeiro momento é a Ideia em si. O segundo é a Ideia fora de si. Ao sair, pois, de si, se objetiva a Ideia, se torna seu oposto, exteriorizada e irracional<sup>7</sup>.

---

3. Ibid, p. 46.

4. Com um esforço histórico total, é possível alcançar a realidade total.

5. Quando temos uma coincidência entre sujeito cognoscente e objeto conhecido.

6. NÓBREGA, Francisco Pereira. *Compreender Hegel*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 67.

7. Ibid.

“O Espírito é o terceiro momento do sistema, ... a síntese da Ideia e da Natureza e, a partir dele, a exterioridade inicia seu retorno. Este retorno implica numa tomada de consciência”<sup>8</sup>. Com o conhecimento da consciência de si (racionalização) é possível “reconhecer na realidade sua própria expressão”<sup>9</sup>.

Com o Espírito, começa o retorno. Com ele a Ideia será não apenas em si, como antes, mas também para si. Agora, com o Homem – porque é com ele que começa o Espírito – a pura exterioridade começa a ceder lugar à interioridade, o objeto começa a se racionalizar<sup>10</sup>.

Nas três subdivisões do espírito, também temos movimento semelhante, com a mente fechada sob si mesmo no espírito subjetivo; sua inserção no mundo com o espírito objetivo; e com o espírito absoluto – suprema manifestação do espírito, quando ele está “completamente manifesto de si mesmo, o espírito consciente de si, infinitamente criador”<sup>11</sup> –, quando sujeito e objeto coincidem numa síntese e o espírito se torna infinito.

A história passa por movimentos dialéticos, com novas realidades que entram em cena, e se confrontam, se opõe e se negam.

Costa<sup>12</sup> mostra as interpretações de Perry Anderson e Paulo Eduardo Arantes sobre a *Fenomenologia do espírito*, onde a história é tida como “palco de uma evolução consciente do espírito, por meio de uma sucessão de formas temporais específicas, até atingir a meta do conhecimento absoluto” através de um “desdobramento

---

8. COSTA, Renata de Pina. O fim da arte na filosofia hegeliana. Dissertação de mestrado em filosofia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009, p. 14.

9. Ibid.

10. NÓBREGA, op. cit., loc. cit.

11. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830) Vol. III (A Filosofia do Espírito). São Paulo: Loyola, 1995, p. 28.

12. COSTA, op. cit., p. 18.

reflexivo”, o que também ocorre no fim da arte, com sua integração ao pensamento reflexivo, uma emergência da reflexão sobre arte corresponde ao surgimento da filosofia da arte. A história brota da sociedade junto a uma “tomada de consciência”, uma mudança que leva o “indeterminado ao determinado”, no que tange objetividade e subjetividade.

A história, além disso, conforme Kojève<sup>13</sup>, é o

processo de revelação do Ser pelo discurso, só atinge... seu começo no final: somente no fim da história é que a identidade do homem e do mundo existe para o homem,... revelada pelo discurso humano. A história... terá... um final: e esse final é a revelação discursiva de seu começo.

Apenas após alcançar o fim, seria possível compreender o todo.

---

13. Apud COSTA, op. cit., p. 19.

## Fim da arte

Segundo Costa<sup>14</sup>, existe uma proximidade entre o tema do fim da história e o tema do fim da arte. O movimento dialético indica que, se algo é suprimido, surge outra coisa em seu lugar. Em Hegel, não se pode falar em um fim sem considerar um novo começo, o que Bourgeois<sup>15</sup> vê como uma contradição interna, de ter que sobreviver e ao mesmo tempo morrer, e de ser uma manifestação finita do infinito - o que faz com que a arte pereça. Quando a arte acaba, ela é substituída pela religião, que é substituída pela filosofia<sup>16</sup>.

Kojève<sup>17</sup> se utiliza da terminologia marxista para comparar estas instâncias.

A religião seria apenas uma superestrutura que foi criada e existe apenas em relação à subestrutura real. Esta subestrutura, que suporta tanto a religião como a filosofia, não é nada além do que a totalidade das ações humanas realizadas durante o curso da história universal, uma história onde e pela qual o homem criou uma série de mundos humanos específicos, essencialmente diferentes do mundo natural. São estes mundos sociais que são refletidos nas ideologias religiosas e filosóficas, e assim, conhecimento absoluto, que revela a totalidade do Ser, pode ser percebido apenas no fim da história, no último mundo criado pelo homem.

---

14. COSTA, op. cit., p. 20.

15. BOURGEOIS, Bernard. *Hegel: os Atos do Espírito*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, p. 211.

16. Filosofia só pode afirmar algo sobre o mundo após esse mundo ter se mostrado (COSTA, op. cit., p. 20).

17. KOJÈVE, Alexandre. *Introduction to the Reading of Hegel: lectures on the phenomenology of spirit*. New York: Basic Books, 1969, p. 32.

Kojève<sup>18</sup>, contudo, considera a morte da história como um movimento momentâneo que indica um renascimento com nova roupagem e problematizações, o que também pode ser pensado para a arte, segundo Costa<sup>19</sup>, “com novas temáticas, novas preocupações estéticas, novas críticas, novos enfoques etc.”.

Na arte como produção espiritual presa à intuição, temos um limite que, contudo, em seu desenvolvimento histórico se desdobra. A “harmonia entre forma e conteúdo, sensibilidade e ideia” não é mais capaz “de expressar no mundo moderno o espírito desse tempo”. Não se alia mais

a uma forma de religiosidade ainda natural e imediata que, apesar do alto nível de espiritualidade, é ainda imediatamente representável de forma sensível. A arte então se aproxima da forma reflexiva de conscientização a partir da percepção da contradição entre a sua forma sensível imediata e o seu conteúdo espiritual<sup>20</sup>.

Conforme Hegel<sup>21</sup>, “a arte não mais proporciona aquela satisfação das necessidades espirituais que épocas e povos do passado nela procuravam e só nela encontraram... Os belos dias da arte grega assim como a época de ouro da Baixa Idade Média passaram”.

Costa<sup>22</sup> mostra o fim da arte como “o fim do verdadeiramente ideal na obra de arte”, fim do papel privilegiado da arte como reveladora da verdade, uma autoridade que passou para a religião com o

---

18. Apud COSTA, op. cit., p. 20.

19. Op.cit., loc. cit.

20. GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. O Belo e o destino: Uma introdução à filosofia de Hegel. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 65.

21. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Cursos de Estética - Vol. I. São Paulo: EdUSP, 2001, p. 35.

22. COSTA, Renata de Pina. *O fim da arte na filosofia hegeliana*. Dissertação de mestrado em filosofia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009, p. 84.

cristianismo e para a filosofia com a modernidade. A arte vai da inserção em um culto sagrado a um objeto de reflexão. “Por mais que queiramos achar excelentes as imagens gregas de deuses e ver Deus Pai, Cristo e Maria expostos digna e perfeitamente, isso de nada adianta, pois certamente não iremos mais inclinar nossos joelhos”<sup>23</sup>.

Temos diferenças entre os três saberes que permitem levar à consciência o Absoluto: arte, religião e filosofia<sup>24</sup>, e a hierarquia dos três modos de apreensão do absoluto, intuição (*Anschauung*), pela arte; representação (*Vorstellung*), dada pela religião; e conceito (*Begriff*), com a filosofia<sup>25</sup>. A arte apresenta a verdade através de sua configuração sensível. A intuição neste caso é “o primeiro momento da organização racional do exterior”<sup>26</sup>. Na religião, temos a interioridade mediada pela representação – “momento da apreensão da intuição”. “Por meio deste entrar em si mesmo, a inteligência se eleva ao nível da representação. O espírito representador tem a intuição, esta encontra-se nele suspendida, não desaparecida, não é apenas algo do passado”. Esta intuição interiorizada passa por três momentos: recordação<sup>27</sup>, imaginação<sup>28</sup> e memória<sup>29</sup>.

---

23. HEGEL, op. cit., p. 117-118.

24. Danto (2006, p. 32) mostra que arte, filosofia e religião em Hegel “são os três momentos do Espírito Absoluto... essencialmente o resultado das transformações de um em outro, ou modulações sob diferentes modulações, de um tema idêntico”. DANTO, Arthur C. *Após o Fim da Arte: A Arte Contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

25. GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. A Dialética entre Arte e Conceito na Fenomenologia do Espírito de Hegel. In: *Revista eletrônica estudos hegelianos*. Ano 2º - N.º 03 Dezembro de 2005.

26. WERLE, Marco Aurélio. *A poesia na estética de Hegel*. São Paulo: Associação editorial humanitas, 2005, p. 112.

27. Tem como conteúdo a imagem, organização da intuição, momento temporal e espacial fixado da intuição. É uma imagem internalizada.

28. Não necessita de uma imagem atual como a recordação, pode se entregar a associações livres. “imaginação é a universalização da recordação”; entram em jogo o signo e o símbolo.

29. WERLE. op. cit., loc. cit.

A filosofia, por sua vez, une a objetividade da arte e a subjetividade da religião, para culminar no espírito absoluto<sup>30</sup>. É a Forma mais pura do saber (livre pensar) e o pensamento consciente de si mesmo, quando “a universalidade mais realista e objetiva... apenas no pensamento pode apreender-se na forma de si mesma”<sup>31</sup>.

A arte apreende o absoluto de maneira sensível e imediata enquanto que a filosofia o apreende pelo pensamento. “A arte e a religião... seriam formas menos evoluídas e perfeitas de filosofia, e o processo dialético do espírito absoluto seria, na verdade, um processo que vai da filosofia menos perfeita até a mais perfeita”<sup>32</sup>. Por outro lado, a arte verdadeira seria a filosofia.

Quando a arte se aproxima da religião e da filosofia, segundo Hegel<sup>33</sup>, permite levar à consciência o divino (Deus, Ideia em Hegel), “os interesses mais profundos da humanidade, as verdades mais abrangentes do espírito”. A arte é o “primeiro elo intermediário entre o que é meramente exterior, sensível e passageiro, e o puro pensar; entre natureza e a efetividade finita, e a liberdade infinita do pensamento conceitual”, uma oposição que em Hegel não se tenta resolver, manifestação finita do infinito. Além da possibilidade de mediação entre sensível e conceito, temos a oposição entre estas duas esferas. Esta oposição, segundo Werle<sup>34</sup>, “se encontra em movimento e inclusive alimenta todo o processo de constituição da arte na história”. Ela fica clara no drama.

---

30. MACHADO, Roberto. *O Nascimento do Trágico: De Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 114.

31. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética - Vol. I*. São Paulo: EdUSP, 2001, p. 119.

32. COSTA. op. cit., p. 24.

33. HEGEL. op. cit., p. 32-33.

34. Apud COSTA, op. cit., p. 34.

## O drama e a comédia

A poesia dramática para Hegel<sup>35</sup>, supremo estágio da poesia e da arte em geral, traz em si tanto a objetividade da epopeia (poesia épica) como a subjetividade da lírica (poesia lírica). Trata-se da natureza dupla do drama, com momentos distintos de afirmação histórica que o constituem.

Mantém em si os dois lados. “A determinidade do ânimo se dirige aos impulsos, à efetivação do interior por meio da vontade, à ação”<sup>36</sup> e às relações humanas, que se tornam exteriores e se objetivam. Através da ação são executados os propósitos e fins interiores. Envolve o sujeito consigo mesmo e também o seu si mesmo que passa para a existência exterior. “O indivíduo dramático colhe ele mesmo os frutos de seus próprios atos”<sup>37</sup>. Permite a expressão dos homens na luta por seus interesses e na cisão de suas paixões<sup>38</sup> na exposição do divino em sua relação mundana. Assim, permite a emergência do ético. Neste confronto, os heróis trágicos seriam, segundo Hegel<sup>39</sup> tanto culpados como inocentes. Agem em conformidade com seu *pathos*<sup>40</sup> e se afastam de um ato consciente de escolha. “Os deuses se transformam em *pathos* humano e o *pathos* em atividade concreta é o caráter humano”<sup>41</sup>.

---

35. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Cursos de Estética - Vol. IV. São Paulo: EdUSP, 2004, p. 200.

36. HEGEL. op. cit., p. 203.

37. Ibid.

38. Ibid, p. 212.

39. Ibid, p. 254.

40. Aqui, segundo Gonçalves (2001, p. 301), poder divino incorporado ou potência ética.

41. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Cursos de Estética - Vol. I. São Paulo: EdUSP, 2001, p. 241.

A comédia, por sua vez, conforme mostra Werle<sup>42</sup>, permite que a seriedade da tragédia seja abandonada e a subjetividade surja confiante, “livre em si mesma, se movendo espiritualmente... em si mesma satisfeita, não mais se une com o objetivo”<sup>43</sup>, sem se submeter à potência ética ou ao institucional. Porém, nem a subjetividade e nem a beleza têm aqui um valor sublime. “Sua natureza sensível deixou de estar integrada ao todo harmonioso”<sup>44</sup>. Resta um descompasso entre subjetividade e mundo, e agora a primeira é que domina.

A comédia marca em Hegel as passagens do mundo grego para o cristão e da arte clássica para o romântico. Tem o humor como um “sintoma de decadência e destruição da arte por ela mesma”<sup>45</sup>. A comédia é a arte situada no fim da arte. Aponta para uma “unidade apenas na autodestruição”, pois qualquer possibilidade de criação do absoluto para a realidade é aniquilada graças à preponderância dos interesses livres por si mesmos, “voltados para o contingente e o subjetivo”<sup>46</sup>. Não há mais uma referência positiva com o sensível e com o ético.

Existe a possibilidade de aproximar a prática do Charlie Hebdo à natureza dupla do drama, no que tange o caráter impulsivo dos cartunistas do semanário, que almejam uma expressão ética exterior; ou então encará-lo como comédia, com ênfase na autodestruição. O fim do jornal, apesar de ser sustentado no momento atual, aparece como fato muito mais concreto no final de sua primeira fase, com o desequilíbrio do subjetivo e do objetivo, e a

---

42. WERLE. op. cit., p. 304.

43. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Cursos de Estética - Vol. IV. São Paulo: EdUSP, 2004, p. 275.

44. WERLE. op. cit., loc. cit.

45. GOULIANE apud COSTA, op. cit., p. 76.

46. HEGEL. op. cit., loc. cit.

ênfase da comédia, tida por Hegel como a degeneração da arte. Vejamos agora o que está incluído no espírito do Charlie Hebdo e como o processo de secularização se dá na França atual.

## Contextualização histórica

Charlie Hebdo sempre apresentou um humor ilustrado corajoso em suas duas fases, de 1969 a 1982 e a outra a partir de 1992. Em ambas, temos uma prática gráfica com características que persistiram graças à permanência de alguns dos cartunistas originais. Caracteriza-se pelo humor conhecido como *estúpido e desagradável* (*bête et méchant*, marca satírica provocativa), alcunha concebida no começo da década de 1960 na revista de humor *Hara-Kiri*, como seu subtítulo. O humor *bête et méchant* favorece, segundo Weston<sup>47</sup>, à abertura para cartuns que empregam o sexo explícito e um humor negro<sup>48</sup>. François Cavanna<sup>49</sup> – fundador do *Hara-Kiri* e do Charlie Hebdo junto a Georges Bernier – justifica a postura do grupo como uma força dessacralizadora, que permite rir de qualquer tema, mesmo do tabu:

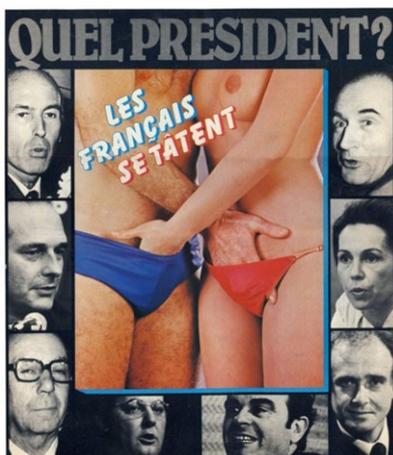
Nada é sagrado. Princípio número um. Nem mesmo a sua própria mãe, nem os judeus, mártires, nem mesmo as pessoas que passam fome... Ria de tudo, ferozmente, amargamente, para exorcizar os velhos monstros. Teríamos respeito demais com eles se nos aproximássemos de cara limpa. É exatamente das piores coisas que devemos rir mais alto, é onde dói mais que você deve coçar até sangrar.

---

47. WESTON, Jane. *Bête et méchant*. Politics, editorial cartoons and bande dessinée in the French satirical newspaper Charlie Hebdo. In: *European Comic Art 2* (2009), p. 109.

48. Segundo Weston (Ibid, p.114), o espírito *bête et méchant* ressoa nas ideias presentes no existencialismo, com sua rejeição das noções de sagrado e sua dúvida radical que questiona os fundamentos de uma sensibilidade moral conservadora.

49. Apud WESTON, Jane. op. cit., p. 110.



Qual presidente? Os franceses estão tateando



A crise: Vamos perder o cu? Vamos! Vamos! chega de pânico!

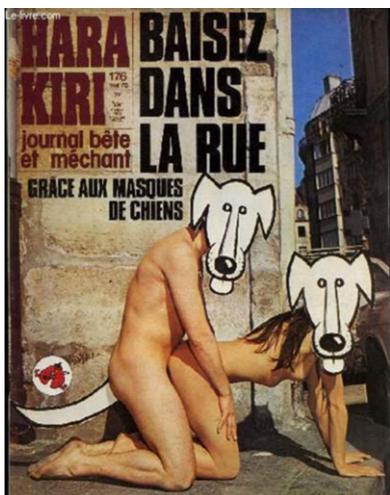
Este estilo radical esteve presente, segundo Weston<sup>50</sup>, no *Hara-Kiri* e na primeira fase de *Charlie Hebdo*. Em contraste, na segunda fase de *Charlie* temos o espírito original apenas em parte, pois adquire um tom menos juvenil e satírico, com menos piadas gratuitas e maior seriedade, principalmente quando Philippe Val foi editor.

Em termos criativos, temos tanto na *Hara-Kiri* como no *Charlie Hebdo* desenhos em painéis únicos, tiras, quadrinhos, fotomontagem, prosas curtas humorísticas e paródias. Cavanaugh<sup>51</sup> salienta também seu apreço e a presença do desenho mudo - como em Bosc -, sem palavras e sem diálogo, vivendo “por si só”, onde o “leitor é que deve estar rindo e não o desenho”. A sobreposição de cartuns presente nestas publicações é tratada por Reiser<sup>52</sup> como “cartuns sequenciais”, que quebram com o cânone dos limites entre cartuns de humor e histórias em quadrinhos.

50. Ibid.

51. CAVANNA, François. *Bête et méchant*. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1981, La grande aventure.

52. Apud WESTON, Jane. Op. cit., p. 124.



Foder na rua graças às mascaras de cachorro



Giscard adota uma ugandesa. Presidente Giscard trocava mulheres com o militar da africa central bokassa



Fotomontagem  
O milagre da cueca



Bosc na Hara-Kiri 24, 1963



Pub Evian. O equilíbrio mineral

Vinheta Wolinski: Não tenho ideias engraçadas; é o que faz as pessoas rirem



Pierre Fourrier. Acordos de Évian de cessar fogo na Argélia em 1962



## Hara-Kiri

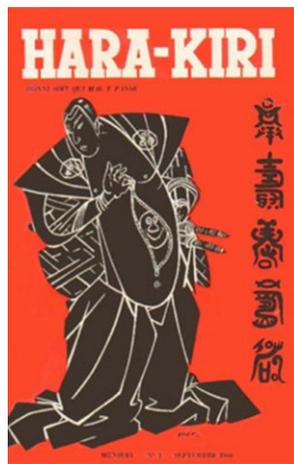
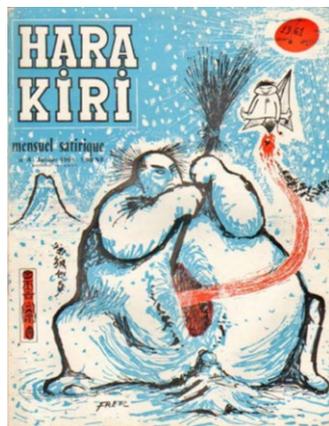
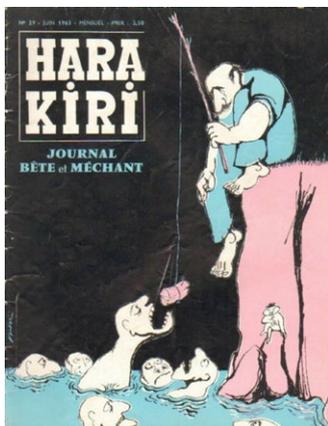
Segundo Cavanna<sup>53</sup>, *Hara-Kiri* foi uma grande diversão, “mais bonito do que todos os outros”, “inacessível”, “impensável” e “um sonho louco”. Aqui, “nós somos os juízes. O que é bom para nós é bom para todos aqueles que bocejam ou ficam loucos de raiva com o ‘humor’ sujo de merda imposto por comerciantes de papel”.



Fred no Hara-Kiri

53. CAVANNA, François. *Bête et méchant*. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1981.

Elitismo? Pretensão? Em que devo acreditar? Você não me colocará entre os seus sacerdotes morais (qualquer moralidade é a moralidade dos sacerdotes). Não é preciso ser delirante megalomaniaco para perceber que nós estamos 99% entediados com o que é proposto e imposto a você<sup>54</sup>.



54. Ibid.



Cavanna senta no trono de bokassa no aniversario de 20 anos do Hara-Kiri

Cavanna com Wolinski e Cabu



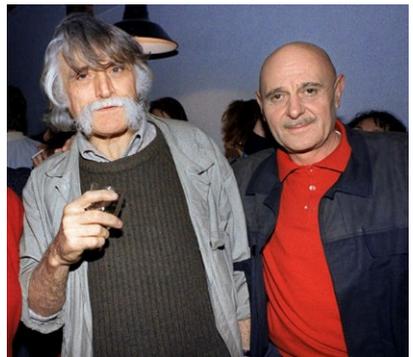
Sine Mensuel: Cavanna, pequeno peru



Cavanna



Francois Cavanna, 1978



François Cavanna e George Bernier

Segundo Gébé<sup>55</sup>, nesta publicação, eram enfocados “prazeres carnavalescos”. Incluía temas considerados tabus na imprensa de uma forma geral, que passaram a ser marcas registradas na publicação, como as piadas sobre militares, sobre a religião, sobre a morte e sobre a sexualidade<sup>56</sup>. Outros tópicos comuns eram a defesa do meio-ambiente, antimilitarismo, o aspecto ridículo da religião e os direitos dos animais.

*Hara-Kiri*, conforme Weston<sup>57</sup>, também seria uma reação contra a imprensa humorística francesa do pós-guerra, o que inclui *Marius*, *Le Hérisson* e *L’Almanach Vermont*. Estes foram ridicularizados por Cavanna<sup>58</sup> em seu livro *Bête et méchant*. *Hara-Kiri* seria um desafio contra suas suavidades estéticas através de um conteúdo que enfatiza a sexualidade. Além disso, *Hara-Kiri* também se posicionava contra os quadrinhos do pós-guerra, especificamente aqueles embrenhados de uma carga de protecionismo moral excessivo. Como confronto a este estilo, foram criadas paródias como *Tintin pour les dames* de Wolinski em 1962<sup>59</sup>, com al-

---

55. Apud Weston, op. cit., p. 112.

56. Ragon (1989) mostra que alguns destes temas como o militar e o eclesiástico também foram tradicionalmente abordados ao longo da história da caricatura. “De 1881 a 1914, os jornais satíricos aumentaram: *La Caricature* em 1880, *Le Rire* em 1894 e *L’assiette au beurre* em 1910. A violência, que atingiu tanto os gráficos como a expressão, fez deste período a idade de ouro (*Belle époque*) da caricatura. Foi só em os anos 1960/1970 que a caricatura reencontra a força destes anos de protesto. Do *L’assiette au berre* ao *Hara-kiri* e *Charlie Hebdo*, o espírito é o mesmo, recuperado elegantemente...”. Em exemplos específicos, Ragon (Ibid) compara uma charge de Delanoy de 1903 com outra de Reiser publicada no *Hara-Kiri* de 1 de dezembro de 1969. Em ambos os casos, temos a representação do soldado atacando crianças, no primeiro caso com uma baioneta e no segundo com pé. RAGON, Michel. ‘Antimilitarisme et caricature’. In: *Où vas-tu petit soldat? À l’abattoir!* Paris: Éditions du Monde Libertaire, 1989.

57. Op. cit., p. 112.

58. Op. cit., p. 5.

59. MILLER, Ann. Reading Bande Dessinée: Critical Approaches to French-language Comic Strip. Bristol: Intellect Books, 2007, p. 22.

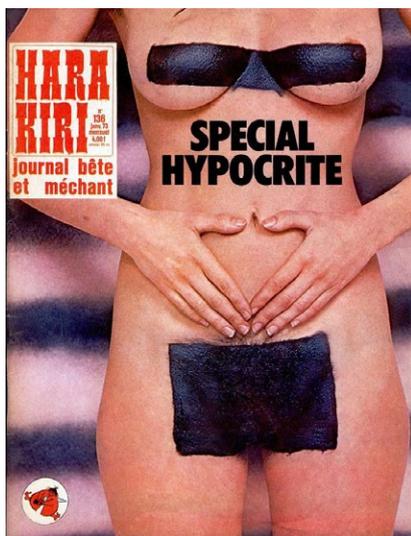




A virgem santa era um travesti!



Era o bom tempo



Especial hipócrita



A virgem santa: eu abortei!

Mazurier<sup>61</sup> mostra que, em 1966, Bernier - também conhecido como Professor Chorão (*Professeur Choron*) - estrangulado por seus credores e ameaçado por oficiais de justiça, pediu con-

61. MAZURIER, Stéphane. *Bête, méchant et hebdomadaire: une histoire de Charlie hebdo, 1969-1982*. Paris: Buchet-Chastel, 2009, p. 43.

cordata para a editora, em débito de quatro milhões de francos. Ele escapa, no entanto, de liquidação judicial graças ao auxílio de Simone Gatt. Reabre a editora logo depois como sociedade com responsabilidade limitada, já que ele próprio não poderia dirigir a empresa que fundou. Por isso, consegue “associados improvisados, provavelmente mais perto do submundo que do mundo da imprensa”<sup>62</sup>.

Weston<sup>63</sup> mostra também que os eventos de maio de 68 teriam servido para inclinar o grupo na direção de um material satírico mais politizado, com uma aproximação ao ímpeto revolucionário da época. Assim, com este espírito, surge o *Hara-Kiri Hebdo* - sem excluir a edição mensal - em fevereiro de 1969, mudando de nome logo depois para *Hebdo Hara-Kiri*. Direciona-se para as notícias mais atuais de forma rápida<sup>64</sup>.

Uma relação forte com os quadrinhos se deu com a criação do *Charlie Mensuel* (ou simplesmente *Charlie*) em 22 de fevereiro de 1969, duas semanas após o lançamento do *Hara-Kiri Hebdo*. Durou até 1986. Trazia o subtítulo “revista cheia de humor e de quadrinhos” (*Journal plein d’humour et de bandes dessinées*)<sup>65</sup>.

---

62. Op. cit. p. 66.

63. Op. cit., loc. cit.

64. Aproxima-se assim do mecanismo de atuação rápida sobre a realidade da charge política.

65. Trata-se de uma publicação mensal criada e editada por Defeil de Ton. Posteriormente, a edição ficou por conta de Wolinski entre 1970 e 1981, e Willem também em 1981. Segundo Mazurier (2009, p. 67), Defeil se apaixonara pela revista italiana *Linus* - criada por Giovanni Gandini. O nome *Charlie*, assim como a revista *Linus*, era uma referência a um personagem de Charles Schulz na tira *Peanuts*. A revista *Charlie* trazia tiras clássicas e contemporâneas, e quadrinhos europeu. Após seu cancelamento em setembro de 1981, reapareceu em abril de 1982 pela Dargaud, editada por Mandryka (do nº 1 ao nº 16) até julho de 1983 e por Philippe Mellot (do nº 17 ao nº 45) até o fim da publicação em fevereiro de 1986. Em março de 1986, a revista se fundiu com a *Pilote*, se tornou *Pilote & Charlie*, com duração até 1988.



A favor ou contra o celibato dos padres



Então, este caos tem jeito?



Fim do Hara-Kiri Hebdo



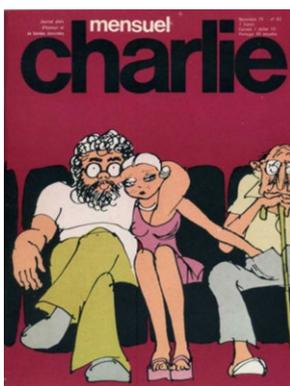
O Concorde faz mal?



Um de cada três franceses é alcoólotra



Vivam os ricos, abaixo os pobres!



## Primeiro Charlie Hebdo

Uma publicação muito próxima ao *Hara-Kiri Hebdo* de 1969 aparece em 1970. Trata-se do Charlie Hebdo que a substituiu após seu banimento, por ridicularizar a morte do presidente Charles de Gaulle<sup>66</sup>.

A adaptação do título da *Charlie Mensuel* indica uma proximidade com o universo dos quadrinhos, como se vê de fato no primeiro número de Charlie Hebdo onde ainda aparece uma tira do *Peanuts*, que dava continuidade à introdução do trabalho de Schulz na França. Contudo, as tiras deixaram de ser publicadas ao mesmo tempo em que foi introduzido um conteúdo muito próximo ao do *Hara-Kiri*.

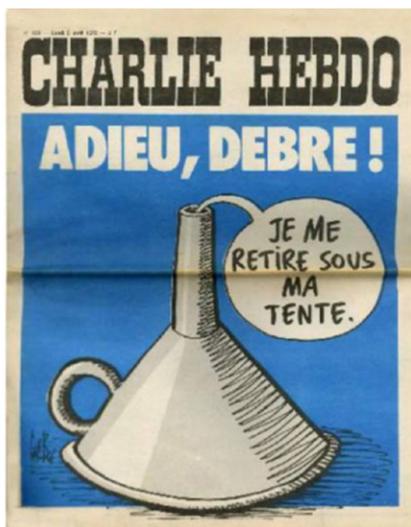
Cabu<sup>67</sup> – um dos desenhistas veteranos da *Hara-Kiri* que morreu no atentado ao Charlie Hebdo em 2015 – mostra que o ob-

66. Em função deste desacato, Georges Pompidou fez com que ministro do interior Raymond Marcellin proibisse *Hara-Kiri Hebdo* em 16 de novembro de 1970. A censura foi condenada por quase toda a imprensa. Com o risco de prisão, relacionaram a publicação como Charlie Hebdo em 23 de novembro de 1970 (DE COCK, 2014, p.312). DE COCK, Jacques. *Œuvres Complètes: Volume 2, Tome 13*. Paris: Fantasques éditions, 2014.

67. Apud WESTON, op. cit., p. 118.

jetivo da publicação não seria atacar indivíduos, mas o que eles representam. No Charlie Hebdo, nós “repudiamos os limites do bom gosto, que é uma noção burguesa... Você deve sacudir as pessoas, você deve dizer coisas”.

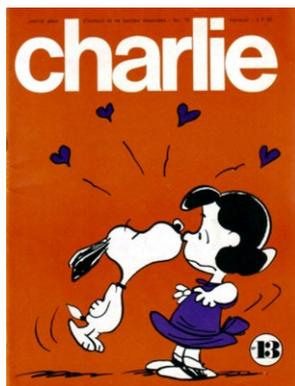
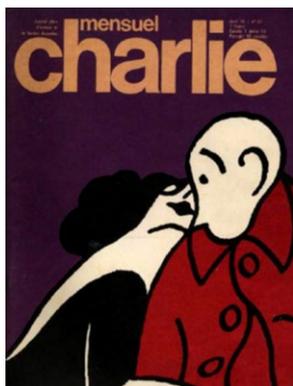
Exerciam um forte impacto na sociedade. Por exemplo, conforme mostra Weston<sup>68</sup>, depois que Wolinski realizou um cartum com Michel Debré representado como louco com um funil na cabeça na capa do Charlie Hebdo de 20 de novembro de 1972, houve um protesto com mais de 200.000 pessoas em Paris contra Debré, onde muitos destes manifestantes utilizavam funis na cabeça como referência à piada. Ragon<sup>69</sup> mostra que este poder do desenho e da caricatura na prática política sempre existiu.



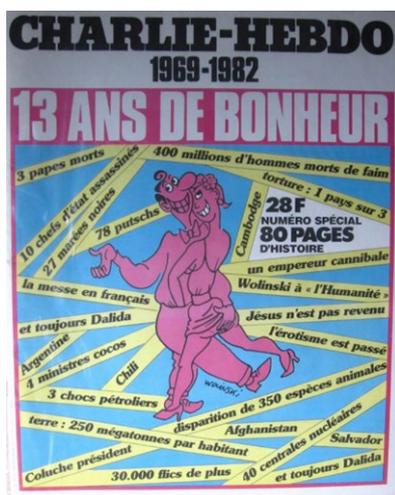
Charlie Hebdo “funil”: Prendam Debré! Adeus, Debré!

68. Op. cit., p. 119.

69. RAGON, Michel. ‘Antimilitarisme et caricature’. In: *Où vas-tu petit soldat? À l’abattoir!* Paris: Éditions du Monde Libertaire, 1989.



A primeira fase do Charlie Hebdo durou até janeiro de 1982, em meio a uma queda do número de leitores e débitos crescentes. Segundo Dominique Jamet<sup>70</sup>, esta interrupção da publicação também estaria associada à perda da novidade do espírito cômico original *bête et méchant* em uma era onde não existiam mais restrições morais. Diferente do período anterior, quando *Charlie Hebdo* e seus cartunistas falavam do que ninguém mais tinha coragem de falar.



1968-1982: 13 anos de felicidade

70. Apud Weston, op. cit., p. 120.

## Segunda fase do Charlie Hebdo

Charlie Hebdo foi relançado em 1992 com Philippe Val como editor – onde ficou até 2009 –, muitos dos membros originais presentes - incluindo Gébé como diretor artístico, Cavanna apenas como colaborador e alguns novos membros como Charb e Luz. Passamos a ter editoriais mais extensos nesta nova fase. O layout permaneceu o mesmo, porém a partir de 2005, segundo Weston<sup>71</sup>, foram incluídas múltiplas cores no miolo.

Para Val<sup>72</sup>, não existe uma controvérsia entre as propostas editoriais das duas fases, pois ambas estariam pautadas em valores propostos anteriormente por Cavanna<sup>73</sup>. Weston<sup>74</sup> mostra que a nova fase conseguiria reter a “obscenidade carnavalesca” tendo em vista a coerência de uma mensagem crítica pautada nestes valores, mas também não deixa de utilizar o espírito *bête et méchant* sempre que necessário.

Quanto aos problemas com a justiça, diferente do Charlie Hebdo anterior e do *Hara-Kiri*, na nova fase da revista, a maior parte das batalhas judiciais teve um resultado favorável a eles. Em 2006, por exemplo, foi organizada uma edição especial com caricaturas do profeta Maomé publicadas originalmente no tabloide dinamarquês *Jyllands-Posten*, que por si só já haviam suscitado protestos violentos internacionais. Além disso, foram incluídos cartuns inéditos e nova capa de Cabu. Por esta edição, os cartu-

---

71. Op. cit., p. 122.

72. Apud WESTON, op. cit., p. 125.

73. Aqui, ele salienta a laicidade, a defesa da ecologia, princípios democráticos, ideais do iluminismo, luta contra o racismo e antisemitismo e a condenação da crueldade com os animais.

74. Op. cit., p. 125.



Democracia



Laicismo:  
Devemos  
encobrir “Charlie  
Hebdo”!

Defesa dos  
animais: “Não  
somos palhaços!”



nistas do Charlie Hebdo foram processados pela Grande Mesquita de Paris, pela União das Organizações Islâmicas na França e pela Liga Islâmica Mundial, acusados de incitação ao ódio racial. Foram julgados em fevereiro de 2007. Sua defesa se baseou no direito de zombar da religião no contexto do laicismo, independente das sensibilidades dos crentes. Resultou em sua absolvição. Em seu veredito de 22 de março de 2007, o juiz Jean-Claude Magendie<sup>75</sup> situa o direito de rir dentro de uma tradição da sátira provocativa francesa:

Toda caricatura é lida como um retrato que se emancipa do bom gosto para alcançar a função paródica, seja no modo burlesco ou grotesco... As funções do exagero são

75. Apud WESTON, op. cit., p. 126.

como piadas que permitem contornar a censura. Utilizam a ironia como instrumento de crítica política e social e chamam para o julgamento crítico e o debate.

Os cartunistas do Charlie Hebdo em seu processo criativo muitas vezes testam os limites do discurso livre. Esta prática discursiva passa pelo viés do desrespeito e do direito à provocação humorística e apontam para o espírito *bête et méchant*.

Contudo, a manutenção e o compromisso com os valores enfatizados por Val também resultou em conflitos internos. Após publicar artigo com um posicionamento antissemita, Siné foi largamente criticado e condenado por seus comentários. Por não querer se desculpar, foi convidado a se retirar do Charlie Hebdo. Apesar da petição e abaixo-assinado com grande quantidade de assinaturas a seu favor, ele não foi reintegrado naquele momento.

Para Mazurier<sup>76</sup>, a revista teria perdido o direito de utilizar seu próprio nome ao tratar Siné desta forma. Segundo ele, este seria o caminho para transformar um jornal libertário e insolente em um jornal moralista. Com o episódio, Mazurier também compara



Laicidade: está onde?

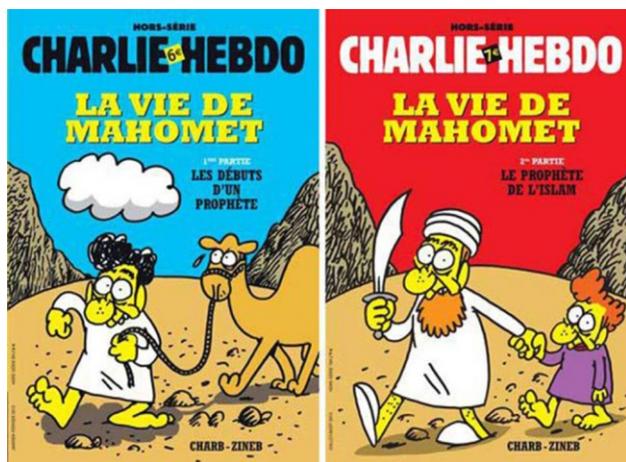


Um imã antissemita em breve será expulso

76. Op. cit., loc. cit.

as duas fases da revista: de uma fraternidade para a monarquia absoluta. Antes, cada um decidia o que fazer em sua página e era garantida a liberdade de seus contribuidores, assumindo riscos através das piadas, apesar delas violarem seriamente convicções morais; e na segunda fase Philippe Val decide tudo. Anteriormente, tínhamos as invenções de “Gébé, Delfeil de Ton e Wolinski contra *France-Soir*, *Le Point* e *Le Parisien Libéré*”. Agora, temos Philippe Val que “pretende se integrar no cenário da mídia, ... uma de suas obsessões é ser aceito pelos barões da imprensa”.

Outros como Mona Chollet - tal qual aparece em Tissot & Tévanian<sup>77</sup> - condenam certas posturas tanto de Val e como de Cavanna, classificando-os como anti-árabes e islamofóbicos. Val<sup>78</sup>, por sua vez, indica seu posicionamento de condenação ao islamismo, considerando-o como um novo tipo de totalitarismo em *le manifeste des Douze ensemble contre le nouveau totalitarisme (Islamiste)*.



A vida de Maomé

77. TISSOT, Sylvie. TÉVANIAN, Pierre. *Les mots sont importants: 2000-2010*. Paris: Libertalia, 2010, 143.

78. Apud FONTENELLE, Sébastien. *La position du penseur couché: Répliques à Alain Finkielkraut*. Paris: Privé, 2007, p. 183.



Europe becomes more and more a province of Islam, a colony of Islam. And Italy is an outpost of that province, a stronghold of that colony...In each of our cities lies a second city: a Muslim city, a city run by the Quran. A stage in the Islamic expansionism.

(Oriana Fallaci)

## Início do conflito e lei da laicidade

Nesta seção apresentaremos um panorama que envolve o Charlie Hebdo antes e posteriormente ao atentado, tentando verificar as razões para o acontecimento e suas decorrências.

Os atritos e conflitos mais incisivos entre o Charlie Hebdo e os islâmicos começaram em 2002 quando foi publicado um artigo sobre o livro de Oriana Fallaci *La rage et l'orgueil*. A matéria falava da coragem da escritora em protestar contra o “islamismo assassino”. O jornal passou a ser perseguido pela União das Organizações Islâmicas e receber ameaças constantes de grupos extremistas islâmicos.

De forma ampla, a tensão em torno da questão islâmica pode ser percebida no relatório da Comissão sobre a laicidade criada pela presidência da república na França, conforme mostra Giumbelli<sup>79</sup>. A comissão a partir do segundo semestre de 2003 realizou audiências abertas e privadas com representantes de diversas frentes. Foram consideradas aqui a presença da religião e seu tratamento pela sociedade francesa.

---

79. GIUMBELLI, Emerson. Religião, estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. In: *Estudos avançados*. Estud. Av. Vol. 18, n. 52, São Paulo, Set/Dec. 2004.

Constatou-se um pluralismo do campo religioso e espiritual. Além do catolicismo e outras religiões, nota-se a força da presença do islamismo, e também os “ateus, agnósticos e livres pensadores”. Foi reconhecida neste contexto “uma desigualdade no modo como essas diferentes expressões religiosas e espirituais estão presentes na sociedade francesa”, com uma ênfase que

recai sobre o islamismo, geralmente desfavorecido pela insuficiência de lugares de culto, pelo não reconhecimento oficial de seus feriados, pela carência no atendimento de suas especificidades rituais em escolas, hospitais, prisões, quartéis, em refeitórios coletivos e cemitérios públicos - e ainda pela desvantagem social e cultural das populações de origem muçulmana que formam a maior parte dos seus adeptos<sup>80</sup>.

O problema do “comunitarismo”, visto como um perigo, também é ressaltado no relatório. Indica uma dinâmica social onde é exacerbada a identidade cultural, com especificidade para as populações desfavorecidas, “entre as quais se encontrariam exemplos de uma reação que implica em colocar as ‘tradições’ acima dos indivíduos”, em um mesmo território onde os indivíduos têm convicções diversas. Envolve a incongruência de dispor uma comunidade fechada em uma sociedade incompatível.

Segundo Giumbelli<sup>81</sup>, a laicidade aqui em questão seria um valor comum necessário. No documento, ela envolve a garantia de um limite para a religião. Em termos de separação entre estado e religião, mostra a necessidade de algum envolvimento mínimo.

Se a separação assegura que as opções espirituais ou religiosas não envolvam o Estado e que este não se envolva com aquelas, ela demanda também que o Estado cuide das

---

80. Ibid.

81. Ibid.

condições de possibilidade da expressão religiosa, assim como postula a renúncia das religiões à sua dimensão política. A laicidade pede a cada uma das religiões um esforço de adaptação e de conciliação de seus dogmas com as leis que regem a sociedade.

Em termos de igualdade, temos a exigência de “um tratamento isonômico por parte do Estado”, mas também que as religiões “não façam demandas particularistas”.

Em termos de liberdade de consciência, temos a exigência das condições necessárias para o funcionamento normal da instituição religiosa e direito à livre expressão religiosa no espaço e no debate públicos, mas também a necessidade de proteção do indivíduo pelo Estado contra toda imposição religiosa.

Esta comissão, composta por funcionários, militantes e intelectuais de diversas especialidades, ouviu representantes políticos, religiosos, sindicais, administrativos e associativos, o que permitiu a elaboração de um panorama esclarecedor sobre a situação religiosa e a laicidade na atualidade. Aponta para recomendações em eixos distintos. Por um lado, pretende-se reforçar “a neutralidade do Estado, especialmente nas regras aplicadas aos servidores e serviços públicos”, com servidores que devem suspender suas opiniões pessoais, políticas e filosóficas, inclusive as religiosas, e também “limitar o espaço de expressão da religião e deixar o funcionamento de instituições públicas imunes às suas influências e demandas”. Temos aqui uma ênfase na preocupação com a ordem pública. Por outro lado, exige-se a colocação do Estado como um fator direto de intervenção no campo religioso, com medidas como

a criação de uma ‘escola nacional de estudos islâmicos’, a habilitação de capelães muçulmanos em instituições coletivas em regime de internato, a adequação de estabele-

cimentos públicos para atender exigências religiosas em matéria de alimentação e rituais funerários, a inclusão de mais dois feriados no calendário nacional (correspondentes a datas sagradas no judaísmo e no islamismo)<sup>82</sup>.

No papel de conselheiro que oscila entre dois eixos opostos, esta Comissão assumiu uma função complexa. Em 2004, por exemplo, depois de muitos conflitos envolvendo questões religiosas no âmbito escolar foram proibidos por lei nas escolas públicas “os trajes e signos manifestando um pertencimento religioso ou político”. O véu para eles seria não apenas um símbolo religioso, “mas o indício da dominação da família e dos grupos comunitários sobre os indivíduos, dos homens sobre as mulheres”. E, afirma o relatório, “o espaço escolar deve permanecer para elas [as alunas] um lugar de liberdade e de emancipação”.

A lei que modificou o Código da Educação foi promulgada em março de 2004 com o seguinte texto: “(nas escolas públicas)], o porte de signos e trajes pelos quais os alunos manifestam ostensivamente um pertencimento religioso é interdito”. Foi essa lei - que passaria a valer no reinício das aulas em setembro, gerando enorme expectativa - que teve sua revogação exigida por sequestradores de jornalistas franceses no Iraque na época<sup>83</sup>.

A proposta desta Comissão e as discussões e os conflitos suscitados aqui servem para mostrar o panorama específico onde o Charlie Hebdo se posicionou ao longo de toda a década, envolvendo uma briga contínua entre charges e ameaças de morte, que culminou no atentado, como veremos a seguir.

---

82. Ibid.

83. Ibid.



Desfavorecidos



A escola é meu direito - o lenço na cabeça é minha escolha



Liberdade, democracia, laicidade

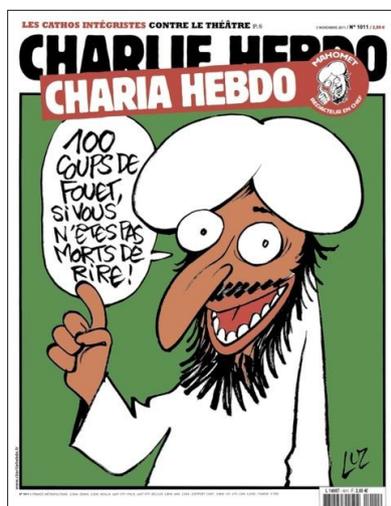


Véu não faz mal

## Atentado e morte

Em novembro de 2011, a sede do jornal já tinha sido atacada e destruída com um coquetel molotov e o site do jornal, também vítima de um ataque, teve sua *home page* substituída por uma foto da Meca e textos do Alcorão. Tudo devido à nova edição publicada pelo Charlie Hebdo nesta data com uma capa que trazia uma caricatura de Maomé e o convite para que ele participasse como editor da revista, com a chamada “cem chibatadas se você não morrer de rir” e a mudança do nome para *Charia Hebdo*, numa alusão à palavra *sharia*, sistema legal islâmico. Charb, editor desde 2009, vivia sob escolta policial. Em 2013, ele foi adicionado à lista dos mais procurados pela Al-Qaeda.

Uma charge premonitória foi publicada em data próxima ao atentado no começo de 2015. A partir do questionamento “nenhum ataque na França ainda?”, temos um extremista respon-



100 chibatadas se você não morrer de rir



Charbe Hebdo na lista do al-Qaeda-hit-list-cross-out-Twitter



Nenhum atentado na França...  
Aguarde! Temos até o fim de janeiro para apresentar seus desejos

dendo: “Calma, ainda podemos mandar nossas felicitações até o fim de janeiro”.

No dia 7 de janeiro de 2015, com uniforme militar de cor preta, encapuzados, armados com fuzis Kalashnikov (AK-47) e um lançador de granadas, os irmãos Kouachi (franceses de origem Argelina) invadiram a redação do Charlie e executaram um total de 12 pessoas, entre as quais Cabu, Honoré, Tignous, Wolinski e Charb, e deixaram 11 feridos. Foi um dos piores atentados na França nos últimos 50 anos, desde a guerra da Argélia. Segundo Carta<sup>84</sup>, a França viveu o seu 11 de setembro.

À noite, reuniram-se na Praça da República em Paris 35 mil pessoas para se manifestar contra o terrorismo. Idem em Lyon, Toulouse e outras cidades da França e do mundo. Em 11 de janeiro de 2015, cerca de três milhões de pessoas em toda a França fizeram uma grande manifestação para homenagear as 17 vítimas dos três dias de terror.

84. CARTA, Gianni. Chore por mim, França. In: *Revista Carta Capital*. n. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015, p. 21.

*Le Monde* e a rede de TV *Canal+* apoiaram a publicação do *Charlie Hebdo* na quarta-feira seguinte ao atentado. A previsão seria de um milhão de exemplares ao invés dos habituais 60 mil, com oito páginas no lugar das costumeiras 16. *Libération* ofereceu espaço à equipe de *Charlie Hebdo*<sup>85</sup>. Nesta edição, temos um desenho de Luz com Maomé chorando e segurando o cartaz *Je suis Charlie*, e a legenda “Está tudo perdoado”. Em toda a Europa, a nova edição teve boa aceitação, mas sua venda está proibida em países como Egito e Argélia.



Momentos no dia do atentado



Cartunistas do *Charlie Hebdo*

85. Da mesma forma como procedeu em novembro de 2012 após o incêndio provocado por um coquetel Molotov na velha sede.



Manifestação de 11 de janeiro de 2015





Manchete em jornais pelo mundo



Primeira edição após o atentado, produzido em espaço cedido pelo jornal Libération

## Espetáculo de domingo

Posteriormente ao atentado também tivemos o que Žižek<sup>86</sup> chama de um “espetáculo de domingo”. Diversas personalidades políticas do cenário mundial apareceram juntas em 11 de janeiro de 2015 para apoiar os mortos no atentado e condenar conjuntamente o terrorismo. Para Carta<sup>87</sup>, várias autoridades convidadas às pressas são líderes de países onde não existe liberdade. Segundo Žižek<sup>88</sup>, temos aqui uma caricatura onde personalidades se beijam intensamente enquanto enfiam facas pelas costas. “O espetáculo foi literalmente encenado: as fotos expostas na mídia davam a impressão de que a linha de líderes políticos estava na frente de uma grande multidão que marchava pela avenida – dando assim a impressão de uma suposta solidariedade e união com o povo”<sup>89</sup>.

Sem considerar a diferença entre as fases distintas da publicação - aparentemente não as conhece ou conhece apenas as charges mais polêmicas e problemáticas -, Žižek<sup>90</sup> toma Charlie Hebdo como publicação estritamente “estúpida e maldosa” (*bête et méchant*) que viola os dez mandamentos, mas descola o slogan de forma apropriada para *Je suis bête et méchant* a ser incorporado aos políticos em desfile no do-

---

86. ŽIŽEK, Slavoj. Pensar o atentado ao Charlie Hebdo. Blog da Boitempo. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/12/zizek-pensar-o-atentado-ao-charlie-hebdo/>. Acessado em 5/2/15.

87. CARTA, Gianni. op. cit., p. 22.

88. ŽIŽEK, Slavoj. op.cit, loc. cit.

89. Idem. Eu sou estúpido e maldoso. Blog do Boitempo. 16/2/2015. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/02/16/eu-sou-estupido-e-maldoso-zizek-esclarece-sua-posicao-sobre-o-je-suis-charlie/>. Acessado em 19/2/2015.

90. Ibid.



Je suis hypocrite

mingo. As autoridades israelenses, por exemplo, conforme mostra Shihade<sup>91</sup>, estariam felizes com este desfecho, pois poderiam “utilizar os atentados na sua manipulação cínica de tentar unir o mundo inteiro contra os palestinos... Nesse meio-tempo, os palestinos continuam subjugados à repressão e assassinatos, assim como milhões de árabes e muçulmanos”.

Mino Carta<sup>92</sup> trata o encontro de forma semelhante, como o triunfo da hipocrisia (*je suis hypocrite*), pois boa parte daqueles ali presentes

têm responsabilidades em relação ao terrorismo, quando não são seus instigadores, cúmplices ou até mesmo praticantes... Juntaram o Ocidente em uma praça parisiense para ostentar os seus poderes e cuidar dos seus interesses políticos, sem exclusão de golpes baixos, ações de guerra, assaltos aos cofres públicos e terrorismo de Estado, sem contar as violações dos direitos humanos.

O cenário se completa com o extremismo religioso propriamente dito, como efeito ou resultante da prática política.

91. apud CARTA, Gianni. op. cit., loc. cit.

92. CARTA, Mino. Todos à la place. Por quê? In: *Revista Carta Capital*. n.833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015, p. 15.

## Extremismo islâmico em polarização em relação ao mundo

A prática do terror tem por objetivo, segundo Laerte<sup>93</sup>, criar um pandemônio que comprometa todo o sistema e movimente a opinião massiva. Exacerba-se então o sentimento xenófobo e gera políticas militares de intervenção no oriente médio. Está formado então um cenário de guerra que interessa ao Estado islâmico. Não existe interesse em construir uma coletividade e sim instaurar uma guerra contra o mundo. Tenta-se acirrar o choque entre as culturas, com uma ênfase na unilateralidade política, sua imposição sobre “o inimigo” e a tentativa de destruição deste inimigo. “Começam os ataques às mesquitas e restaurantes árabes, ou aos minimercados judaicos. Isso vai gerar um padrão estimulado por grupos de direita que querem construir uma política de exclusão dentro da Europa”. Tanto os extremistas islâmicos como a direita xenófoba se alimentam destes conflitos.

Žižek<sup>94</sup> realiza aproximação semelhante, porém entre fundamentalismo e liberalismo, tendo o primeiro como uma reação a um defeito do segundo, que considera a contraposição entre vida longa e satisfatória cheia de bem estar material e cultura, e a reação fundamentalista à primeira com uma vida dedicada a alguma causa trans-

---

93. KACHANI, Morris. *Laerte: no Brasil Charlie Hebdo não existiria*. Disponível em: <http://blogdomorris.blogfolha.uol.com.br/2015/01/09/laerte-no-brasil-charlie-hebdo-nao-existiria/>. Acessado em 5/2/2015.

94. ŽIŽEK, Slavoj. Como lidar com os fundamentalistas hoje. *Diário do centro do mundo*. 10/1/2015. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-lidar-com-fundamentalistas-hoje-um-artigo-de-slavoj-zizek/>. Acessado em 3/2/2015.

cedente<sup>95</sup>, ou uma reação derivada da falência de valores fundamentais do liberalismo, como liberdade, igualdade e democracia<sup>96</sup>.

Badiou<sup>97</sup> também pensa de forma análoga, porém enfatiza o aspecto fascista do Estado Francês pós-pacto republicano<sup>98</sup> e o associa ao Charlie Hebdo. Uma postura de secularização e dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade realmente ecoa em ambos, porém a culpa pela destruição e colonização de estados não pode ser atribuída ao Charlie Hebdo. A conclusão de que o estado, Ocidente e França seriam tão terroristas quanto os extremistas pode ser até discutida – apresentam papéis intercambiáveis ou identidades falsas entre criminoso e polícia –, na medida em que os primeiros enviam “selvagens expedições militares internacionais que destroem Estados inteiros”<sup>99</sup>. Charlie Hebdo, contudo, não pode ser responsabilizado por isso, pois os combate tanto quanto enfrenta o extremismo religioso. Safatle<sup>100</sup> também, de forma pouco precisa, classifica erroneamente os cartunistas do Charlie Hebdo como racistas e preconceituosos. Ele não viu as charges onde os cartunistas delatam os abusos realizados contra

---

95. Žižek, contudo, neste artigo também apresenta uma condenação estranha aos “progressistas”, indicando que estes deveriam assumir um ódio pelo Islã, como faz a extrema direita.

96. Idem, Pensar o atentado ao Charlie Hebdo. Blog da Boitempo. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/12/zizek-pensar-o-atentado-ao-charlie-hebdo/>. Acessado em 5/2/2015.

97. BADIOU, Alain. A farsa do Charlie Hebdo. Blog do Boitempo. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/02/04/o-vermelho-e-o-tricolor-alain-badiou-sobre-o-charlie-hebdo/>. Acessado em 15/2/2015.

98. Badiou (Ibid) mostra o crime fascista, de modo muito próximo ao exposto por Laerte, como aquele que cria “reações descontroladas” em uma vingativa contraidentidade.

99. Agambem (apud CARTA, op. cit., p. 23) também pensa da mesma forma, mostrando que George Bush, por ter invadido o Iraque em 2003 e matado dezenas de milhares de pessoas, pode ser considerado responsável pelas mortes dos cartunistas do *Charlie*.

100. SAFATLE, Vladimir. Palavras e metralhadoras. In: *Revista Carta Capital*. n. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015, p. 27.

as minorias na França. Cabu, por exemplo, tem um número de charges muito conhecidas e significativas, onde a polícia francesa - formada por *skinheads* - está escalada e em ação na repressão de minorias, o que exemplifica a denúncia vinculada pelo Charlie Hebdo contra as práticas de exclusão.

Com o atentado aos cartunistas do Charlie Hebdo, também temos a radicalização do conflito entre a “direita radical difusora da islamofobia e a esquerda, com a sua bandeira de integração centrada na formação de uma igualitária sociedade multiétnica”<sup>101</sup>. Esta direita populista é liderada na França por Marine Le Pen (Frente Nacional) e na Itália por Matteo Salvini da Liga Norte. Ambos são xenófobos, não distinguem entre islâmicos pacíficos e terroristas<sup>102</sup> e são favoráveis à revogação do Tratado de Schengen<sup>103</sup>. Marine, após o atentado solicitou um referendo pedindo a aplicação da pena de morte aos responsáveis, prática abolida da França desde 1981<sup>104</sup> e também criticou a “condescendência e omissão” do atual governo: “Este atentado deve liberar nossas palavras contra o fundamentalismo islâmico. A hipocrisia não é mais possível”<sup>105</sup>.

---

101. MAIEROVITCH, Wálter Fanganiello. Além do Charlie Hebdo. In: *Revista Carta Capital*. n.833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015, p. 19.

102. Segundo Maierovitch (Ibid), a distinção entre islâmicos pacíficos e terroristas parece passar despercebida pela direita, mesmo no que tange os fatos relacionados ao atentado. “O policial de origem árabe e religião islâmica Ahmed Merabet enfrentou até a morte, na calçada defronte à sede do semanário, os dois irmãos Kouachi. Seus familiares, em entrevista coletiva que Le Pen preferiu ignorar, ressaltaram: ‘Ahmed era de fé islâmica e os seus assassinos uns falsos islamitas, pois o Islã é uma religião de paz’”. Deve-se notar que os atos terroristas são condenados pelo Islã oficial e muitos muçulmanos tem um comportamento pacífico.

103. Tratado de Schengen prevê a circulação livre de cidadãos pela União Europeia.

104. BESSEL, Lucas. PURCHIO, Luisa. Em defesa da liberdade. In: *Revista Isto é*. N.2354. 14/1/2015, p. 60.

105. AQUINO, Ruth de. A liberdade abatida a tiros. In: *Revista Época*. N.866. 12 de janeiro de 2015. p. 63.



Cabu: “Queremos poder sair à noite sem ter medo”



Cabu: “Decepcionados com a direita e a esquerda. Avante seus picas azuis”



Cabu-”A França não tem petróleo, mas tem um exército”



Cabu-”Instrumentos da brutalidade do controle policial”

## Método do Charlie Hebdo de combate ao extremismo

Ao analisar charges que relatam fatos cotidianos, Safatle<sup>106</sup> não compreendeu o método muitas vezes utilizado pelos chargistas, de citar a notícia, reinterpretá-la e recombina-la tendo em vista o humor e a crítica.

Para Tonneau<sup>107</sup>, apenas fora do contexto os cartuns do Charlie Hebdo podem parecer racistas ou islamofóbicos. “*Charlie Hebdo* defendeu continuamente a causa das minorias e lutou incansavelmente para que todos os imigrantes ilegais ganhassem o direito definitivo de permanência”, ou seja, Charlie Hebdo tenta trazer através do humor uma solução para o problema. Assim, não deveriam ser condenados por terem causado sua própria morte. Segundo ele, o ataque ganha um caráter muito mais trágico se considerarmos que não foi direcionado para jornais de extrema direita Franceses atuais, como *Minute*, *Valeurs* ou *Actuelles*, que sempre misturam Árabes, muçulmanos e fundamentalistas<sup>108</sup>,

---

106. Ibid.

107. TONNEAU, Olivier. On Charlie Hebdo: a letter to my British friends. *The Guardian*. Edição de 13 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jan/13/charlie-hebdo-solution-muslims-french-arab-descent-newspaper-fight-racism>. Acessado em 15/3/2015.

108. Segundo Tonneau (Ibid), apenas quando pararem de confundir árabes, muçulmanos e fundamentalistas será possível evitar que a crítica aos fundamentalistas sobrecaia sobre os árabes. “Esta é a razão pela qual as distinções devem ser claras”. Fundamentalismo islâmico vem crescendo muito. Tonneau (Ibid) mostra que seu alvo principal são os próprios islâmicos, que não querem ser confundidos com seus assassinos. Tivemos inclusive na web manifestações de diversos muçulmanos que se posicionaram contra o terrorismo e se diferenciaram com o slogan “Não em meu nome” (“*not in my name*”). Assim como a religião cristã, o extremismo islâmico trouxe muitos prejuízos ao mundo islâmico em termos de direitos individuais. Também não devem ser confundidas raça e religião.

mas direcionado a um jornal que luta contra o racismo. Além disso, o ataque pode ser explorado pela extrema direita e pelo governo, como “oportunidade para criar uma falsa unanimidade em uma sociedade profundamente dividida”. Inspirado em Bush, o primeiro ministro da França Manuel Vals anuncia que “está em guerra contra o terror” e François Hollande<sup>109</sup> declara que “os autores dessas ações serão perseguidos enquanto for necessário... É preciso formar um bloco unido”.

O alvo dos cartunistas era principalmente o extremismo islâmico. Moneyron<sup>110</sup> analisa as capas do Charlie Hebdo em 2014 e constata que nenhuma delas trata da questão do Islã ou da comunidade islâmica na França. As capas, em geral traziam situações da política francesa. Oito destas capas, contudo, tratavam de extremistas.

Devemos considerar as charges publicadas no Charlie Hebdo principalmente direcionadas contra o extremismo islâmico. A ilustração da capa de 1º de outubro de 2014 pode ser considerada ofensiva por trazer Maomé, mas não é exatamente islamofóbica, pois trata dos extremistas e sua interpretação pessoal do alcorão, que nem mais permite que eles reconheçam o próprio Maomé após seu retorno. Além disso, temos um resultado irônico na incapacidade do muçulmano radical em reconhecer o profeta. Já que o profeta não é nunca representado, não há como reconhecê-lo.

Charb<sup>111</sup> (apud MONEYRON, 2015) mostra sua indignação contra o tratamento (preconceituoso) dado aos islâmicos não radicais.

Não aguento quando pedem aos “islâmicos moderados” que expressem sua condenação ao terrorismo. Não exis-

---

109. Apud CARTA, Gianni. Os fanáticos do apocalipse. In: *Revista Carta Capital*. N. 832. Ano XX. 14 de janeiro de 2015, p. 45.

110. MONEYRON, Josselin. A year in the merde. In: *The Hooded Utilitarian: a pundit in every panopticon*. Disponível em: <http://www.hoodedutilitarian.com/2015/01/a-year-in-the-merde/>. Acessado em 2/2/2015.

111. Apud MONEYRON, op.cit.

te um islâmico moderado. Apenas islâmicos com sua herança islâmica, que jejuam durante o Ramadan como eu celebro o Natal. Eles agem como cidadãos. Eles protestam conosco, votam contra idiotas de direita... Seria como me pedissem para votar como um católico moderado, só porque eu fui batizado. Eu não sou católico moderado. Eu não sou nada católico.

Podemos pensar também nos cartunistas do Charlie Hebdo como aqueles que se levantaram contra as tendências teocráticas dominantes. A igreja católica, por exemplo, realizou forte oposição contra o casamento homossexual e recebeu resposta imediata no Charlie Hebdo na edição de 9 de janeiro de 2013.

As acusações de racismo, por sua vez, parecem ser infundadas. Antes de sua morte, Charb<sup>112</sup> deixou escrito um livro onde condena o racismo. Mostra que, na França, o ímpeto racista foi amplamente divulgado por Sarkozy no âmbito de seu discurso sobre a identidade nacional. Para Charb, o discurso sobre a islamofobia teria como objetivo fazer com que as vítimas se afirmassem muçulmanas, mas “se amanhã os muçulmanos da França se converterem ao catolicismo ou renunciarem a qualquer religião, isso não vai mudar o discurso racista: os estrangeiros ou os franceses de origem estrangeira serão sempre designados como responsáveis por todos os males”. O problema não estaria na Bíblia ou no Alcorão, mas nas interpretações que são realizadas deles pelos extremistas.

A charge sobre Christiane Taubira (Ministra da justiça do governo de Hollande) fazia uma alusão à comparação racista realizada por um membro do Front National (partido de extrema

---

112. apud LANCELIN, Aude. Exclusif. Le testament de Charb. In: *Bibliobs*. 15/4/2015. Disponível em: <http://bibliobs.nouvelobs.com/actualites/20150414.OBS7182/exclusif-le-testament-de-charb.html>. Acessado em 15/5/2015.

direita de Le Pen), onde são contrapostos um chimpanzé e a foto da ministra, ato que foi condenado e o autor processado. O combate da islamificação da França em nome da secularização francesa passou a ser o mote da filha de Le Pen, Marine. Charb ao cotejar o ocorrido com Taubira enfatiza todo o movimento violento e racista relacionado ao partido, com distorções da referência a Marine Le Pen – ao invés de “Coalizão Azul Marinho” (“*Rassemblement Bleu Marine*”), “Coalizão Azul Racista” (“*Rassemblement Bleu Raciste*”) – e o símbolo do Front National – fogo estilizado com as cores da bandeira francesa.

O problema é que existe o risco de ser mal compreendido ao trazer imagens chocantes para frisar uma postura antirracista, conforme mostra Jeet Heer<sup>113</sup>, o que também ocorre em Robert Crumb.

Referências negativas ao racismo e colonialismo europeu não são recentes no âmbito do Charlie Hebdo e *Hara-Kiri*. Neste sentido, poderíamos indicar, por exemplo, a charge veiculada na capa da edição de 22 de outubro de 2014. Para se referir, na mesma ilustração, aos crimes de Boko Haram na Nigéria e a posição da extrema direita francesa em condenar o a política do *welfare*, Riss se utiliza de uma imagem racista.

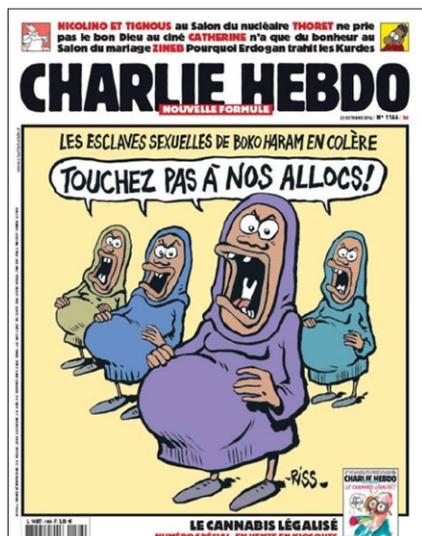
Podemos perceber esta prática de forma leve na ilustração para capa de Cabu para a edição de 29 de outubro de 2014, onde Nicolas Sarkozy e Marine Le Pen fazem buracos em um barco cheio de refugiados. A imagem mostra óbvia simpatia pelos refugiados e indica também a posição crítica destes cartunistas em relação às soluções dos programas políticos racistas de Sarkozy (e não qualquer tipo de associação a ele como se sugere no livro de Tissot & Tévanian) e de Le Pen. Em outra capa de 26 de setembro de 2014, temos a comparação do estado islâmico com o “estado sarkozyco”.

---

113. Apud MONEYRON, op. cit.

As caricaturas consideradas desrespeitosas por alguns tinham como objetivo a denúncia do extremismo religioso. Na prática de Boko Haram, em organização fundamentalista islâmica terrorista, temos o desrespeito ao ser humano, à mulher e às meninas. A partir de distorções do Alcorão, temos ali uma permissividade ao abuso sexual sem limites, cenário que já se deu no embate entre muçulmanos e cristãos em outros momentos no século XX – como no extermínio armênio por volta de 1915. Esta distorção é condenada veementemente pelos cartunistas do Charlie Hebdo através das charges, incluindo aquela específica que trata das escravas sexuais de Boko Haram e de Maomé de quatro – um de seus trabalhos mais radicais –, que apesar de criticar a distorção da religião, também ofende muçulmanos de uma forma geral.

Um dos temas mais polêmicos abordados pelos cartunistas do Charlie Hebdo é a questão religiosa. A incorporação do humor *bête et méchant* ao tema gera resultados que parecem atravessar os limites morais estabelecidos no âmbito religioso. As charges polêmicas publicadas no semanário podem ser consideradas blasfêmia?



## Blasfêmia

A relação entre blasfêmia e pena de morte está presente no Levítico (24: 16) da Bíblia<sup>114</sup>: “Quem blasfema o nome do Senhor deve ser morto”. Carta<sup>115</sup> mostra o caráter proibitivo relacionado à representação de Alá e do profeta, conforme exposto no Alcorão no capítulo 21, versículos 52 a 54: “(Abraão) disse ao pai e ao povo: ‘Por que a adoração por essas imagens que vos unem?’ Eles disseram: ‘Vemos nossos pais a adorá-las’. Ele disse: ‘Certamente vocês têm cometido, juntamente com vossos pais, em erro manifesto’”. Quanto à impossibilidade de se manter calado frente à blasfêmia, acredito que Žižek<sup>116</sup> esteja correto - em decorrência do fato de que “direito de pensar o que for [ou o] que quiser não... inclui o direito de expressar suas crenças religiosas ou morais publicamente com a intenção de converter pessoas a um ‘falso comprometimento’”<sup>117</sup> -, porém falar e metralhar são manifestações discursivas muito distintas. Não se justifica o assassinato. Tonneau<sup>118</sup> mostra que as “palavras devem ser combatidas com palavras” e não com tiros. “Ateus podem apontar seus aspectos

---

114. MAIEROVITCH, Wálter Fanganiello. Além do Charlie Hebdo. In: *Revista Carta Capital*. n. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015, p. 19.

115. CARTA, Gianni. Chore por mim, França. In: *Revista Carta Capital*. n. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015 (2015b), p. 21.

116. ŽIŽEK, Slavoj. Eu sou estúpido e maldoso. Blog do Boitempo. 16/2/2015. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/02/16/eu-sou-estupido-e-maldoso-zizek-esclarece-sua-posicao-sobre-o-je-suis-charlie/>. Acessado em 19/2/2015 (2015c).

117. ASAD apud ŽIŽEK, op. cit., loc. cit.

118. TONNEAU, Olivier. On Charlie Hebdo: a letter to my British friends. *The Guardian*. Edição de 13 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jan/13/charlie-hebdo-solution-muslims-french-arab-descent-newspaper-fight-racism>. Acessado em 15/3/2015.

ridículos” e os religiosos podem acusar os primeiros de superficiais em sua vida material e estilos de vida hedonista.

Em sua exposição pautada pelo perspectivismo e pela distorção dos objetivos dos cartunistas do Charlie Hebdo, Safatle<sup>119</sup> mostra que não deveriam ser criadas leis contra a blasfêmia, pois a religião não é apenas uma questão de crença, mas uma prática que envolve

instituições que têm peso político decisivo em nossas sociedades. Católicos, evangélicos, muçulmanos, judeus, todos procuram interferir, de acordo com suas forças sociais, no ordenamento jurídico de nossas sociedades a partir de estratégias variadas. Impedir que tais instituições sejam criticadas por meio das armas da ironia seria de fato um equívoco brutal. Afirmar que não se deve ironizar o que grupos sociais relevantes consideram como “sagrado” seria bloquear uma dimensão essencial do pensamento crítico. Seria difícil entender por que não censurar do mesmo modo os livros de Nietzsche nos quais ele insiste na “morte de Deus” ou *A vida de Brian*, do Monty Python.

Podemos colocar a blasfêmia como uma das razões da revolta dos extremistas. Ela é intensificada com a distorção dos preceitos religiosos, mas não justifica a atitude terrorista.

---

119. SAFATLE, Vladimir. Palavras e metralhadoras. In: *Revista Carta Capital*. n. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015, p. 27.

## Conclusão

O acúmulo de décadas de trabalho de alguns dos desenhistas do Charlie Hebdo atinge um ponto final com suas mortes. Existe, contudo, um novo panorama posterior a este evento onde os conflitos em torno das questões religiosas tendem a se exacerbar. Porém, o semanário continua a publicar charges e quadrinhos críticos. Agora, com uma maior reflexividade.

Temos no Charlie Hebdo, uma dialética que parte de uma ideia de humor *bête et méchant*, porém, com o passar do tempo, se adequa em parte a uma moral socialmente instituída. Em ambas as fases, esta ideia, ao ser externalizada, ganha objetivação nas charges. Com a morte dos desenhistas, temos não o fim do semanário, mas a possibilidade de rever toda a sua história com uma tomada de consciência de seus valores e seus erros. A síntese de sua ideia de humor e a natureza objetiva no cartum permitem a reflexividade, percebida no mundo todo: *Je suis Charlie*, que se revela através do próprio desenho. Resultado semelhante também ocorreu na época do atentado anterior, na capa de dezembro de 2011 do número 1012 do Charlie Hebdo onde um muçulmano beija na boca um desenhista do *Charlie* com a inscrição: “O amor mais forte que o ódio” (*L’amour plus fort que la haine*). A autorreflexão também esteve presente no editorial de Biard<sup>120</sup> da edição posterior ao atentado:

Na última semana, *Charlie*, jornal ateu, alcançou mais milagres do que todos os santos e profetas reunidos... Vocês têm em mãos o jornal que sempre fizemos... Os sinos de

---

120. BIARD, Gerard. O aperitivo. In: Charlie Hebdo. N. 1178. 14 de janeiro de 2015, p. 5.

Notre Dame tocaram em nossa homenagem. Nesta semana, *Charlie* se levanta através do mundo, mais alto do que as montanhas... Nós temos frequentemente tentado rir, pois é isso que fazemos melhor...

Porém, expõe que o sangue dos desenhistas mortos ainda está quente. Com o ataque, Charlie Hebdo passou a simbolizar, segundo Bernard-Henri Levy<sup>121</sup> algo muito mais amplo do que a sátira dos cartuns: uma resolução em manter a liberdade de expressão mesmo em face de ameaças mortais.

Talvez nesta proximidade do fim esteja o momento mais propício para compreender o seu começo ou o novo recomeço, como ser *bête et méchant* e como serão as novas encarnações do Charlie Hebdo. Na morte e na retomada de sua essência original, temos a emergência de novas roupagens e novas problematizações. Mostra que a manutenção desta essência ou sua idealização talvez não seja mais possível. Talvez o cuidado e o medo agora sejam maiores ou a coragem que tanto os marcou continue a ser preponderante.

Intensifica-se também com as mortes a impressão de que os dois polos abordados pela comissão de laicidade deveriam ser respeitados, a esfera pública e o direito à prática religiosa. Posicionamentos polêmicos, como a proibição do uso do véu, por exemplo, são justamente os aspectos incorporados à sátira do Charlie Hebdo. A reação contra este tipo de coibição se dá de forma imediata através de ameaças, sequestros e execuções por parte de extremistas religiosos.

O posicionamento atual do Charlie Hebdo, contudo, não é tão “estúpido e desagradável” quanto no passado e sim uma prática

---

121. LEVY, Bernard-Henri. Charlie Hebdo is Western society at its best and worst. In: *What everyone gets wrong about Charlie Hebdo and racism*. *Vox World*. Disponível em: <http://www.vox.com/2015/1/12/7518349/charlie-hebdo-racist>. Acessado em 22/3/2015.

que também se baseia em valores morais instituídos e assumidos pelos próprios cartunistas da publicação. Assim, ele pode ser pensado como aquele que auxilia na garantia de uma imposição de limites para a religião e para o extremismo religioso. Contudo, também pode se enquadrado como estopim de conflitos que se dão através da prática do humor, localizado no âmbito público. Estas interpretações podem ser questionadas: se existe a possibilidade do humor do *Charlie* causar tamanha influência ou se este humor tem realmente tamanho alcance.

A charge do Charlie Hebdo também não pode ser considerada arte degenerada como queria Hegel, arte que chega a um fim por ser comédia. Certamente, ela não será idolatrada e adorada como se fosse divina. Não mais a bela arte, mas a bela arte do humor. Trata-se de uma manifestação infinitamente *bête et méchant* apresentada como charge bem finita - mas com algumas sobreposições de camadas significativas que se multiplicam ao serem interpretadas pelo leitor - e, por outro lado, uma filosofia *bête et méchant* que tenta se impor sobre a religião com a crítica e a autorreflexão.

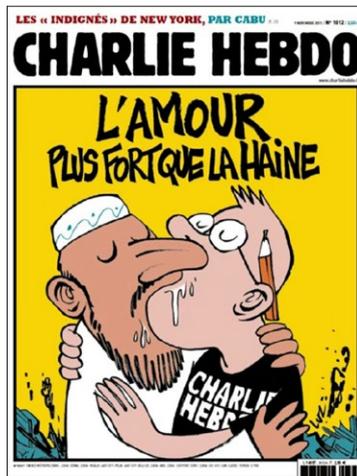
Charlie Hebdo traz o divino e incorpora preceitos religiosos para criticá-los e questionar sua autoridade. Trata de um ideal de laicidade a ser respeitado como verdade. A insistência da dessacralização e o tom de blasfêmia na prática humorística do Charlie Hebdo parecem apontar para o movimento de afastamento que se deu da arte em relação ao culto sagrado. Redunda no fim de uma arte que se articula em torno da religião. Contudo, aqui temos um novo tipo de verdade pautada pelo compromisso com a igualdade, pela crítica política aguda e pelo confronto com o fundamentalismo, a que eles, com coragem e ousadia não se curvam. O humor ácido e corrosivo talvez seja a única forma de verdade sobre os aspectos mais polêmicos da política e religiosidade contemporâneas.

Temos então uma arte humorística que traz uma verdade própria, apresentada em uma configuração sensível graças a um processo criativo e intuitivo dos cartunistas. Por outro lado, temos um conflito para os religiosos, onde a intuição interiorizada e apreendida da sátira é recordada - nem sempre compreendida -, recombina em associações livres graças à imaginação e memorizada. Por parte dos cartunistas, seus procedimentos, como uma religiosidade particular, permitirão que toda intuição humorística proveniente do sensível seja recombina com universalizações de outras recordações. A filosofia humorística do Charlie Hebdo envolve estes dois momentos, de uma configuração sensível finita que emerge a partir de um processo intuitivo e ao mesmo tempo de associações livres infinitas desta configuração com outras, o que, como vimos, resulta em charges que serviram como armas em uma guerra que redundou em mortes e nas possibilidades de autocrítica, “*Je suis Charlie*”.

Contudo, ao tentar colocar limites para a prática religiosa através do humor, Charlie Hebdo parece assumir um papel radical. Seria possível conseguir destruir o extremismo através do desenho? Também podemos tentar compreender as charges do Charlie Hebdo como aquelas que emergem a partir do impulso. Considerando as relações humanas, seus trabalhos se aproximam do drama. No caso, o drama de uma sociedade que colhe os frutos de seus próprios atos.

Não se pode falar em um fim sem que se considere um começo: aqui temos sobrevivência e morte. Com artistas que expõem sua opinião e, mesmo sabendo que correm risco, pagam com a própria vida, temos uma proximidade com a concepção do humor como a destruição da arte por ela mesma.

Esta destruição da arte por ela mesma, como mostrou Hegel para a comédia, talvez só faça sentido no humor *bête et méchant*, quando Cavanna<sup>122</sup> desconsidera toda a sacralidade de tudo para que um riso feroz e amargo possa emergir e “exorcizar os velhos monstros”.



122. Apud WESTON, Jane, op. cit., p. 110.

## Referências

AQUINO, Ruth de. A liberdade abatida a tiros. In: *Época*. N. 866. 12 de janeiro de 2015.

BADIOU, Alain. A farsa do Charlie Hebdo. *Blog do Boitempo*. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/02/04/o-vermelho-e-o-tricolor-alain-badiou-sobre-o-charlie-hebdo/>. Acessado em 15/2/2015.

BERNABUCCI, Claudio. A palavra do estadista solitário. In: *Carta Capital*. n. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015.

BESSEL, Lucas. PURCHIO, Luisa. Em defesa da liberdade. In: *Isto é*. N. 2354. 14/1/2015.

BIARD, Gerard. O aperitivo. In: *Charlie Hebdo*. N. 1178. 14 de janeiro de 2015.

BOURGEOIS, Bernard. *Hegel: os Atos do Espírito*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

CARTA, Mino. Todos à *la place*. Por quê? In: *Carta Capital*. N. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015 (2015a).

CARTA, Gianni. Os fanáticos do apocalipse. In: *Carta Capital*. N. 832. Ano XX. 14 de janeiro de 2015 (2015c).

\_\_\_\_\_ Chore por mim, França. In: *Carta Capital*. N. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015 (2015b).

CAVANNA, François. *Bête et méchant*. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1981.

COSTA, Renata de Pina. *O fim da arte na filosofia hegeliana*. Dissertação de mestrado em filosofia. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

DANTO, Arthur C. *Após o Fim da Arte: A Arte Contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

DE COCK, Jacques. *Œuvres Complètes: Volume 2, Tome 13*. Paris: Fantasques éditions, 2014.

EVELIN, Guilherme. Tavares, Flávia. Aquino, Ruth de. Inimigo interno. In: *Época*. N.866. 12 de janeiro de 2015.

FONTENELLE, Sébastien. *La position du penseur couché: Répliques à Alain Finkielkraut*. Paris: Privé, 2007.

GIUMBELLI, Emerson. Religião, estado, modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. In: *Estudos avançados*. Estud. Av. Vol. 18. N.52, São Paulo, Set/Dec. 2004.

GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. *O Belo e o destino: Uma introdução à filosofia de Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_ A Dialética entre Arte e Conceito na Fenomenologia do Espírito de Hegel. *Revista eletrônica estudos hegelianos*. Ano 2º - N. 3, Dezembro de 2005.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (1830) Vol. III (A Filosofia do Espírito). São Paulo: Loyola, 1995.

\_\_\_\_\_ *Cursos de Estética - Vol. I*. São Paulo: EdUSP, 2001.

\_\_\_\_\_ *Cursos de Estética - Vol. IV*. São Paulo: EdUSP, 2004.

KACHANI, Morris. *Laerte: no Brasil Charlie Hebdo não existiria*. Disponível em: <http://blogdomorris.blogfolha.uol.com.br/2015/01/09/laerte-no-brasil-charlie-hebdo-nao-existiria/>. Acessado em 5/2/2015.

KOJÈVE, Alexandre. *Introduction to the Reading of Hegel: lectures on the phenomenology of spirit*. New York: Basic Books, 1969.

LAÇINER, Sedat. BAL, İhsan. *USAK Yearbook of international politics and law: Volume 4*. Tandogan Ankara: International Strategic Research Organization, 2011.

LANCELIN, Aude. Exclusif. Le testament de Charb. In: *Bibliobs*. 15/4/2015. Disponível em: <http://bibliobs.nouvelobs.com/actualites/20150414.OBS7182/exclusif-le-testament-de-charb.html>. Acessado em 15/5/2015.

LEVY, Bernard-Henri. Charlie Hebdo is Western society at its best and worst. In: What everyone gets wrong about Charlie Hebdo and racism. *Vox World*. Disponível em: <http://www.vox.com/2015/1/12/7518349/charlie-hebdo-racist>. Acessado em 22/3/2015.

MACHADO, Roberto. *O Nascimento do Trágico: De Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAIEROVITCH, Wálter Fanganiello. Além do Charlie Hebdo. In: *Carta Capital*. n.833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015.

MAZURIER, Stéphane. L'honneur perdu de "Charlie Hebdo". In: *Telerama*. Publicado em 24/07/2008. Acessado em 2/7/2015. Disponível em: <http://www.telerama.fr/idees/l-honneur-perdu-de-charlie-hebdo,31865.php>

\_\_\_\_\_ *Bête, méchant et hebdomadaire: une histoire de Charlie hebdo, 1969-1982*. Paris: Buchet-Chastel, 2009.

MILLER, Ann. *Reading Bande Dessinée: Critical Approaches to French-language Comic Strip*. Bristol: Intellect Books, 2007.

MONEYRON, Josselin. A year in the merde. In: *The Hooded Utilitarian: a pundit in every panopticon*. Disponível em: <http://www.hoodedutilitarian.com/2015/01/a-year-in-the-merde/>. Acessado em 2/2/2015.

NÓBREGA, Francisco Pereira. *Compreender Hegel*. Petrópolis: Vozes, 2005.

RAGON, Michel. 'Antimilitarisme et caricature'. In: *Où vas-tu petit soldat? À l'abattoir!* Paris: Éditions du Monde Libertaire, 1989.

RICHARDS, Chris. Charlie Hebdo: Journalist spared death by terrorists during brutal attack at magazine office 'because she's a woman'. In: *Mirror*. 8 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.mirror.co.uk/news/world-news/charlie-hebdo-journalist-spared-death-4944154>. Acessado em: 2/2/2015.

SAFATLE, Vladimir. Palavras e metralhadoras. In: Revista *Carta Capital*. N. 833. Ano XXI. 21 de janeiro de 2015

SOUZA, José Carlos Aguiar de. As filosofias da história e a tese da secularização: a teologia cristã e as raízes da secularização na modernidade. In: *PLURA*, Revista de estudos da religião, vol. 2, n. 2, 2011, pp.43-57.

TISSOT, Sylvie. TÉVANIAN, Pierre. *Les mots sont importants: 2000-2010*. Paris: Libertalia, 2010.

TONNEAU, Olivier. On Charlie Hebdo: a letter to my British friends. *The Guardian*. Edição de 13 de janeiro de 2015. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2015/jan/13/charlie-hebdo-solution-muslims-french-arab-descent-newspaper-fight-racism>. Acessado em 15/3/2015.

WERLE, Marco Aurélio. *A poesia na estética de Hegel*. São Paulo: Associação editorial humanitas, 2005.

WESTON, Jane: *Bête et méchant*. Politics, editorial cartoons and bande dessinée in the French satirical newspaper *Charlie hebdo*. In: *European Comic Art 2* (2009). p. 109–130.

ŽIŽEK, Slavoj. Como lidar com os fundamentalistas hoje. *Diário do centro do mundo*. 10/1/2015. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-lidar-com-fundamentalistas-hoje-um-artigo-de-slavoj-zizek/>. Acessado em 3/2/2015 (2015a).

\_\_\_\_\_ Pensar o atentado ao Charlie Hebdo. *Blog da Boitempo*. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/01/12/zizek-pensar-o-atentado-ao-charlie-hebdo/>. Acessado em 5/2/2015 (2015b).

\_\_\_\_\_ Eu sou estúpido e maldoso. *Blog do Boitempo*. 16/2/2015. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2015/02/16/eu-sou-estupido-e-maldoso-zizek-esclarece-sua-posicao-sobre-o-je-suis-charlie/>. Acessado em 19/2/2015 (2015c).

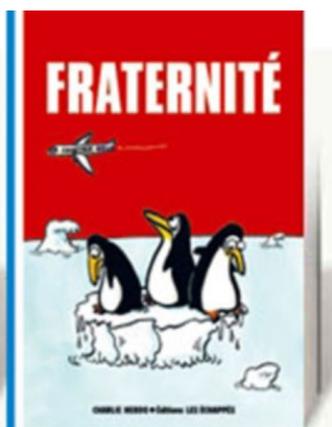
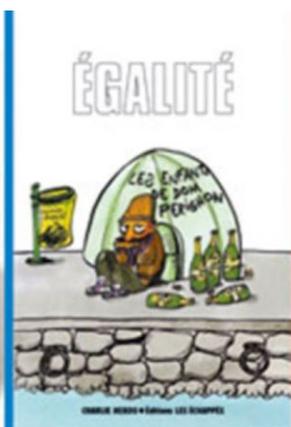
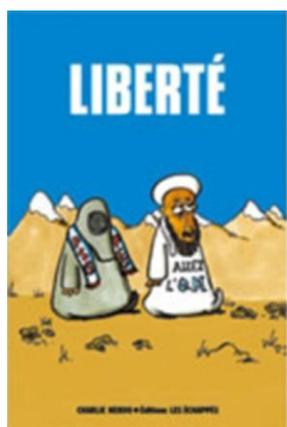
## Fabio Mourilhe

---

Fabio Mourilhe é pesquisador de pós-doutorado da EBA/UFRJ, onde desenvolve trabalho sobre Angelo Agostini, a Academia Imperial de Belas Artes e a convergência de humor e crítica de arte no século XIX. Doutor em filosofia pelo IFCS/UFRJ, sua tese *A estética do grotesco nos quadrinhos*, defendida em 2014, trata de uma ampliação de seu estudo sobre o tema realizado em 2011. No período de doutoramento, realizou doutorado sanduíche com Richard Shusterman na FAU (EUA). É Mestre em Design pela PUC-Rio e Bacharel/licenciado em Filosofia pela UERJ. Em trabalhos de pós-doutorado em filosofia de 2014, desenvolveu estudo sobre as caricaturas em Nietzsche (na UERJ) e sobre a expressão nos quadrinhos (na UFRJ). Fabio Mourilhe dá aula sobre quadrinhos e filosofia para os cursos de graduação em filosofia no IFCS/UFRJ desde 2012. Suas últimas linhas de



pesquisa a partir de 2011 foram desenvolvidas e organizadas em grupos de estudo, publicações e apresentações em um ritmo anual conjugadas junto ao *Colóquio filosofia e quadrinhos*, evento que no ano de 2016 se encontra em sua 6<sup>a</sup> edição e trata da obra Sandman de Neil Gaiman. Antes disso, envolveu (1) um tratado inicial sobre a possibilidade de uma relação entre quadrinhos e filosofia (2011), (2) articulações dos quadrinhos e arte (2012), (3) grotesco (2013), (4) erotismo (2014) e em 2015, (5) aspectos éticos e políticos a partir do Charlie Hebdo. Publicou dezenas de artigos científicos com resultados de pesquisas onde os quadrinhos figuram como objeto de estudo, junto a temáticas diversas (arte, design, história, semiótica, linguagem, psicologia, política e filosofia). É autor de diversos livros, dentre eles *O quadro nos quadrinhos e Cuidado de si e aufklärung: caminhos para a vida como obra de arte*.



encore une fatwa  
contre un dessinateur



## CHARLIE HEDBO

em cenário de secularização e escatologia moderna

A prática da secularização na França atual serve para justificar e defender os posicionamentos assumidos pelo semanário humorístico Charlie Hebdo de combate ao extremismo. A escatologia moderna, presente nas ideias de fim da arte e fim da história, permite o aprofundamento da questão. Não se pode falar em um fim sem que se considere um começo, pois aqui há sobrevivência e morte. Com artistas que expõem sua opinião e, mesmo sabendo que correm risco, pagam com a própria vida, temos uma proximidade com a concepção do humor como a destruição da arte por ela mesma.



[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)